



Para o presidente, os sem-terra formam um verdadeiro estado paralelo

A crise e o dilema do presidente

138

Todos os países, em algum momento de sua história econômica, defrontaram-se com um exército de camponeses empobrecidos que acabaram excluídos socialmente ao longo do processo de desenvolvimento, observou recentemente o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante discussão sobre a reforma agrária.

A situação é mais dramática quando, a exemplo do que acontece hoje no Brasil, a oferta de alimentos é suficiente para atender à procura e maior estímulo à produção não alteraria de forma significativa o quadro atual.

Logo os que, como eles, não fazem parte da agricultura de alta tecnologia estão fora da engrenagem produtiva. No máximo trabalharão para a própria subsistência.

As vítimas de Eldorado de Carajás lutavam não apenas por um pedaço de terra. O grande sonho deles era integrar-se economicamente para assegurar renda para sobreviver.

Quem conversar com o presidente da República, além de análise parecida com essa, ouvirá a pergunta: Como os países europeus resolveram

esse problema no século passado?

Por intermédio de emigrações, inclusive para o Brasil, entre outras saídas, porque uma só medida, como a criação do Ministério da Reforma Agrária, não será suficiente.

ESTADO PARALELO

Fernando Henrique tem consciência de que a recriação do ministério não resolverá sozinha a crise, mas é sensível à reivindicação de que o assunto tem que ser entregue a um interlocutor com acesso direto ao presidente.

Mas, tem algumas queixas sobre a maneira como se discute o assunto. Uma delas é que o módulo de desapropriação adotado no Brasil é muito grande. Tem 20 hectares, enquanto varia entre um e dois em países que fizeram a reforma recentemente.

Outra é que a cúpula do Movimento dos Sem-Terra não respeita liderança formal, não acata o PT, tem sistema próprio de recolhimento de recursos. "São um verdadeiro estado paralelo", ouve-se no Palácio do Planalto. (IN)